

CORPO, ARTE, DANÇA E EDUCAÇÃO
VILELA, Lilian Freitas* – UNICAMP
HERNÁNDEZ, Márcia Maria Strazzacappa – UNICAMP
GE-01: Educação e Arte

Palavras chave: ensino de arte, dança, formação de professores, gênero

A formação dos professores-artistas da dança

O curso superior de dança na UNICAMP: aspectos históricos e projeto pedagógico

Os cursos superiores em dança no Brasil já fazem parte do cenário nacional. O primeiro foi criado na Bahia, em 1956 e atualmente os quinze cursos existentes permitem que cresça a cada ano o número de profissionais diplomados que entram no mercado de trabalho. Sendo assim, o impacto e as transformações nesta carreira, após a formalização do estudo em dança, podem ser sentidos e diferentes análises podem ser feitas no intuito de buscar maiores conhecimentos sobre as questões que envolvem a formação profissional professor- artista da dança e o ingresso destes no campo de trabalho educacional.

A Unicamp- Universidade Estadual de Campinas é a única instituição pública que oferece o curso superior em dança no estado de São Paulo e, este foi o primeiro curso superior público em dança oferecido na região sudeste brasileira, localidade de maior concentração de profissionais da área de dança, bem como de subsídios para a produção em arte e ações públicas de inserção da linguagem da dança na educação formal.

O curso de dança na Unicamp foi criado em 1985, durante a gestão do Professor José Aristodemo Pinotti e pela então docente do departamento de Música do Instituto de Artes da universidade, Marília de Andrade.

A justificativa apresentada para a implantação de uma graduação em dança encontra-se nas seguintes afirmações:

* LABORARTE - Laboratório de estudo sobre arte, corpo e educação.

“A importância de um curso superior de dança torna-se evidente quando constatamos que uma pesquisa realmente séria de novas técnicas pedagógicas só pode ocorrer a partir de uma formação ampla e adequada do professor, através de um curso superior. Além disso, a universidade pode tornar-se um centro de registro e resgate de danças populares. O desenvolvimento de cursos superiores em todo o país terá, certamente, um impacto positivo no atual contexto de ensino de dança. É de se esperar que propiciem a desejada inovação técnica, ao mesmo tempo em que alimentem as diversas produções coreográficas nacionais com pesquisas sobre formas tradicionais de danças brasileiras”.(Texto do processo de criação do Departamento de Artes Corporais, n.º. 1276/85, pp. 12-13, grifo nosso)

Apesar do crescimento da oferta de cursos superiores de dança no Brasil, o curso da Unicamp continua sendo o único curso superior público em dança no Estado de São Paulo. Segundo Molina (2007), além do curso oferecido pela UNICAMP, tem-se registro de aproximadamente treze (13) outros cursos superiores na área de dança, dos quais seis (06) são de caráter público e sete (07) privados, bem como o registro de dois cursos “Superior Tecnológico em Dança”¹:

- Cursos superiores públicos na área de dança: na Bahia (Universidade Federal da Bahia - UFBA); no Rio de Janeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ); Rio Grande do Sul (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS/Fundarte); Minas Gerais (Universidade Federal de Viçosa - UFV); Amazonas (Universidade do Estado do Amazonas - UEA) e Alagoas (Universidade Federal de Alagoas - UFAL).
- Cursos superiores privados na área de dança: no Rio de Janeiro (Centro Universitário da Cidade - UniverCidade e Faculdades Angel Vianna – FAV); em São Paulo (Faculdade Anhembi-Morumbi, Pontífica Universidade Católica de São Paulo-PUCSP² e Faculdade Paulista de Artes - FPA); no Rio Grande do Sul (Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ) e no Paraná (Faculdade de Artes do Paraná).

Ao longo dos anos, os cursos foram realizando reformulações curriculares visando a adequação de seus projetos tanto às novas diretrizes apresentadas pelo MEC

¹ No Rio Grande do Sul (ULBRA) e no Rio de Janeiro (Universidade Estácio de Sá).

² A PUC-São Paulo oferece o curso de graduação em Comunicação e artes do Corpo com uma das habilitações em dança. Por se tratar de um curso na área foi agregado aos demais cursos de graduação específicos em dança, mesmo não o sendo.

quanto às transformações e necessidades do ensino da dança na contemporaneidade.

O curso oferece duas modalidades (bacharelado e licenciatura) em dança. Segundo a descrição sobre o profissional apresentada no projeto pedagógico do curso, o Bacharel em dança

“é o intérprete em dança, profissional capaz de contribuir como agente transformador da realidade, ser responsável pelo próprio corpo, expressar-se e comunicar-se artisticamente. O campo de atuação deste profissional abrange amplo espectro de atividades: atuação cênica, pesquisa e ação social” (Projeto Pedagógico 2007, p. 02).

Já o licenciado em dança está qualificado

“para o trabalho em instituições educativas escolares e não-escolares, tanto no âmbito do ensino, como professor da educação básica, quanto em outras dimensões do trabalho educacional. Faz parte dessa formação profissional a experiência investigativa bem como de reflexão acerca de aspectos políticos e culturais da ação educativa” (Projeto Pedagógico 2007, pp. 02-03).

Conforme descrito no projeto, a formação do licenciado compreende o campo comum de desenvolvimento das áreas específicas e atuação artística, o saber sensível proveniente da noção de corporeidade e o aperfeiçoamento da sensibilidade e da expressividade, constituintes do processo artístico, como norteadoras das ações pedagógicas do professor de arte. Como perfil do licenciado, temos descrito que o curso

“deseja formar o professor de dança que adquire e gera o conhecimento sensível, próprio de sua corporeidade. Agente de sua própria história, deverá ser capaz de discutir a arte da dança no contexto da educação, a partir das necessidades advindas do meio em que irá atuar como professor. Com o olhar voltado para o meio social e cultural, desenvolverá o trabalho de educação em dança, elaborará sua metodologia e definirá os objetivos do mesmo” (Projeto Pedagógico 2007, p. 21).

O projeto pedagógico mantém e reforça o desejo de pioneirismo do curso, mesmo após tantas mudanças e a criação de vários cursos superiores de dança no Brasil.

O perfil do profissional formado bacharel em dança é fortemente marcado pelo traço do intérprete de dança (seja ele intérprete-criador ou, apenas, intérprete). O curso enfoca este tipo de formação e a grade curricular extensa em exercícios técnicos e disciplinas eminentemente práticas valida este posicionamento do curso. Porém, percebe-se a ampliação das diversas atuações profissionais, na apresentação do projeto pedagógico, seja como ampliação das possibilidades de trabalho ou justificativa formal para a permanência de oferta do curso.

O documento também relata o campo de atuação dos profissionais que aí se graduaram como: “*intérpretes, coreógrafos, professores e pesquisadores em órgãos*

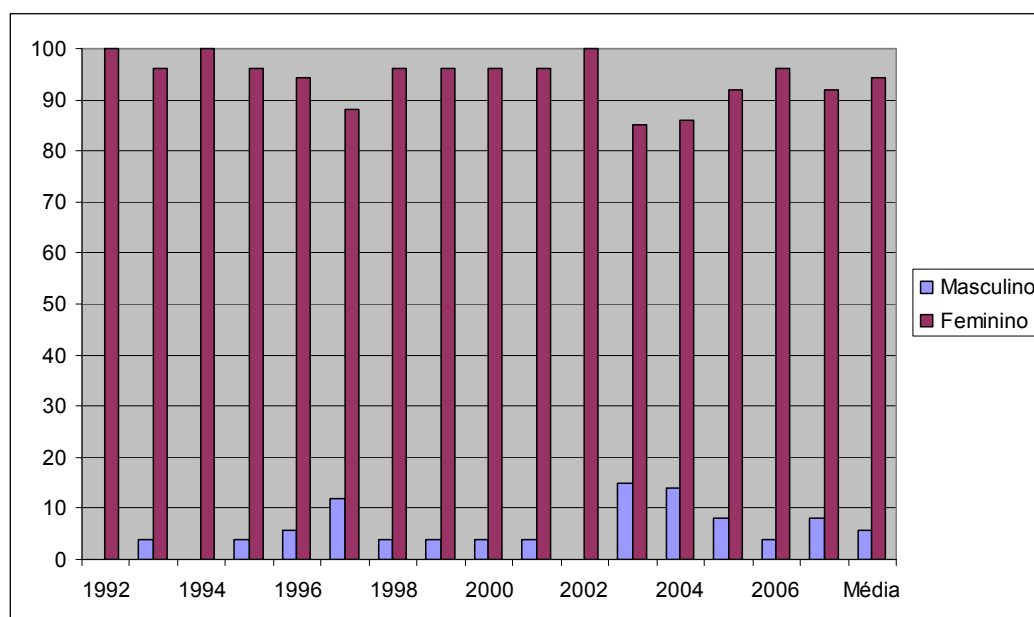
públicos de cultura, companhias profissionais, cursos superiores de dança, entre outros” (Projeto Pedagógico 2007, p. 07). No entanto, não apresenta a fonte destes dados.

Os diplomados em dança: Quem são? Onde estão?

Sabe-se que o universo de dança é notadamente feminino. Basta observar aulas de dança em academias e estúdios, ensaios de Companhias profissionais, ou mesmo as publicidades sobre dança: a grande parte dos frequentadores de academias, cursos e/ou consumidores de produtos de dança é composta por mulheres.

Segundo dados coletados em pesquisa sobre os diplomados (SMC-SP, 2007), esse dado se comprova. Os estudantes do curso de dança são predominantemente mulheres como se vê no gráfico abaixo:

Distribuição alunos ingressantes por sexo no curso de dança



No curso de graduação em dança, as mulheres correspondem, em média, a aproximadamente 94% de ingressantes, para 6% de homens, havendo uma pequena redução masculina de concluintes do curso, alterando-se para 4% os diplomados masculinos e 96% de diplomados femininos. Comparando-se este dado com o restante da universidade, vemos que enquanto no curso de dança, a predominância de mulheres é altíssima em todos os anos de oferta do curso; na universidade como um todo, os

ingressantes são na maioria homens, embora com expressiva representação feminina.

Segundo Segnini (2006), tanto no mercado de trabalho geral brasileiro ainda há a prevalência do sexo masculino, quanto na área de artes e espetáculos a maioria dos profissionais são homens. Contudo, esta estatística se inverte em relação à dança. Segnini (2006) analisou fontes de dados do Ministério do Trabalho e do Emprego/RAIS e, identificou que nos empregos para profissionais da dança mantêm-se a predominância do sexo feminino. Porém, esta porcentagem entre homens e mulheres que realizam a atividade e formam-se nela não é traduzida no campo de trabalho, no qual a presença masculina é menor mas não tão significativa de contraste, o que proporcionalmente indica que os homens crescem nos empregos da profissão de artista da dança, do que se conclui que deve existir maior oferta de trabalho para homens.

Com a finalidade de questionar o óbvio e o que se encontra aceito como “padrão” em dança, pretendemos aqui refletir sobre a afirmação/constatação de que a grande maioria dos praticantes de dança são mulheres. (Essa afirmação conduz igualmente à dificuldade de se abordar a dança junto aos meninos, quando se pensa no ensino dessa linguagem artística dança nas escolas).

Vemos alguns pontos de aproximação entre a profissão do artista da dança e a do professor de Ensino Formal. Ambas apresentam na base da pirâmide, profissionais do sexo feminino, no entanto, este quadro muda quando olhamos para os cargos de chefia e liderança. O topo da pirâmide é ocupado por homens, embora representem uma minoria na formação profissional inicial.

Para Hanna (1999), tanto são as mulheres que predominam na dança cênica ocidental quanto são os homens desproporcionalmente os mais reconhecidos, os que possuem maior facilidade de conquista de emprego e também os que ocupam os cargos mais elevados tais como produtores, empresários, diretores no mundo da dança.

Hanna ressalta que, desde a revolução francesa, a dança tem sido uma atividade de status inferior e partilha uma hierarquia de prestígio relacionada ao papel sexual, sendo até certo ponto, ocupacionalmente diferenciada e segregada no sexo. As posições de dominação masculina na dança são mais poderosas e “não-dançantes”. Ainda segundo Hanna (1999, p. 182) *“a maior parte dos departamentos de dança das universidades é dirigido por mulheres (a partir da dança moderna), o ensino, a coreografia e a produção dos empreendimentos de renda mais alta têm sido desenvolvimentos da carreira para os homens”*.

As inúmeras relações de poder e diferenciação de papéis ligados às questões de

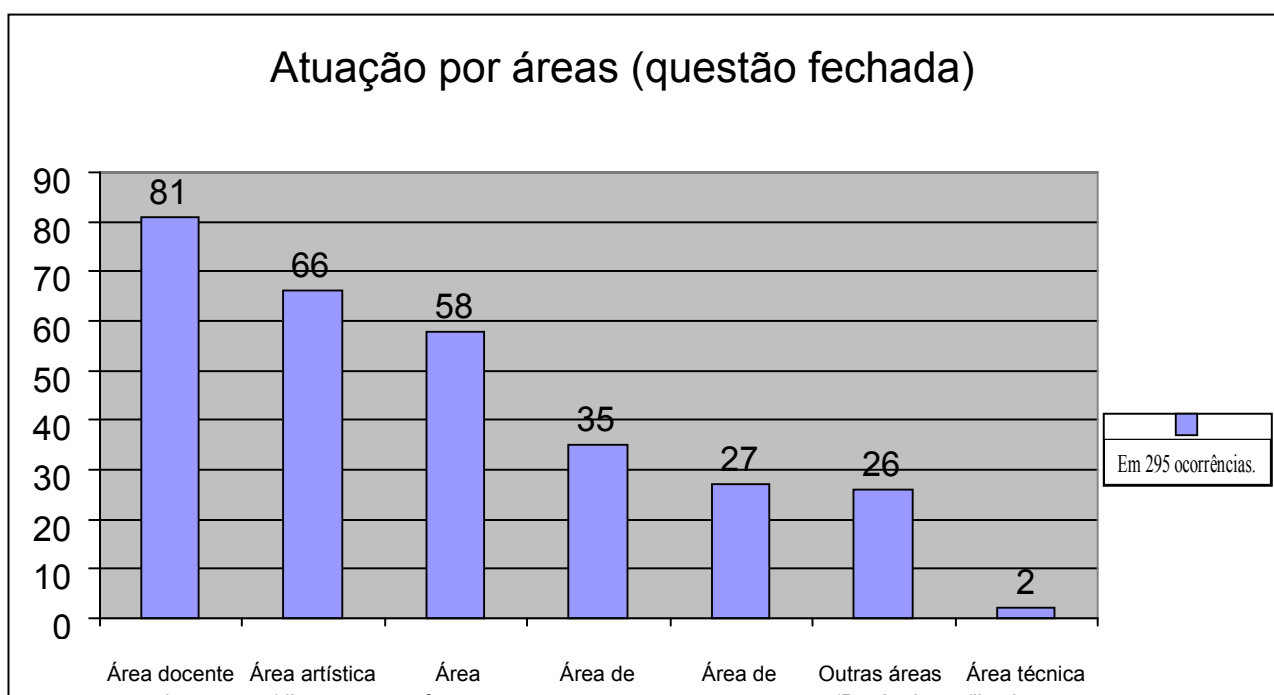
gênero na dança ultrapassam o objeto deste artigo, mas devemos apontar este dado como um tema de investigação.

São as mulheres, em grande maioria (94%), que se formam em dança, porém a estatística não se sustenta em relação à distribuição do trabalho na área, nem as representações de status e diferenciação na carreira.

A grande maioria de bailarinas disponíveis para atuar em companhias de dança, sejam elas subvencionadas ou não, é imensamente maior do que os bailarinos do sexo masculino. A competitividade é grande, afinal existe um batalhão à disposição para uma troca de elenco ou corpo de baile, e a insegurança quanto à maternidade assistida (licença, direitos, respeito a adaptações corporais) é velada.

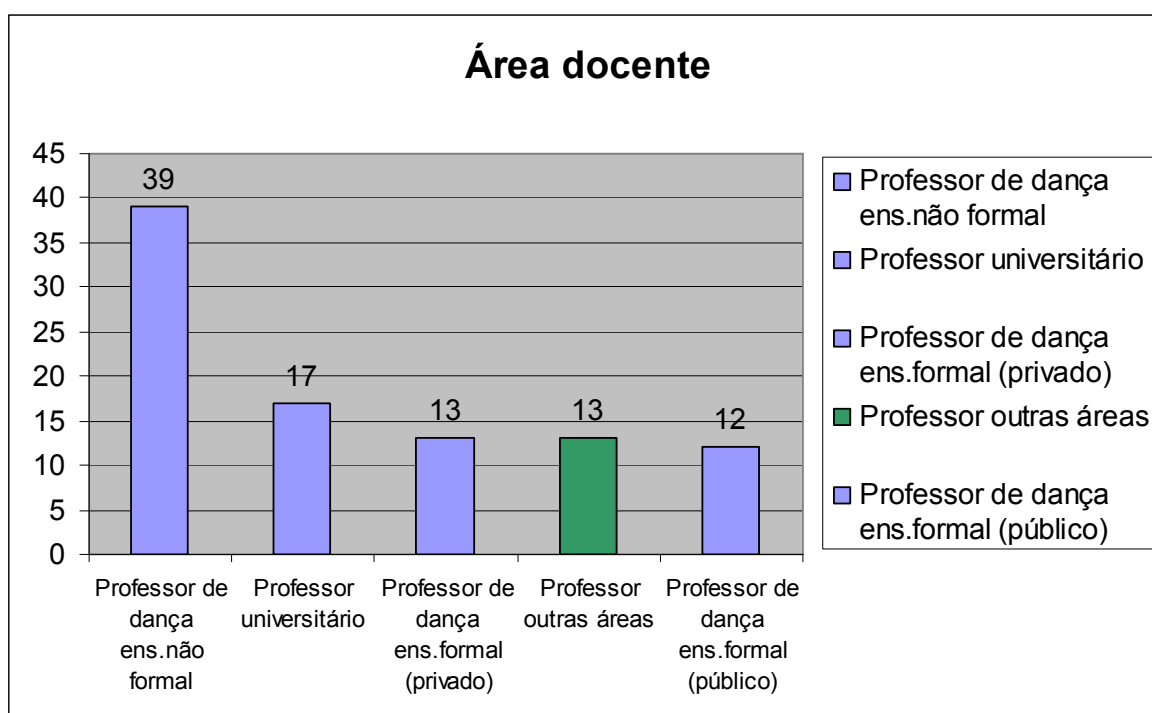
Embora essas questões sejam tão pertinentes, praticamente não existem discussões sobre estes temas durante a formação profissional em dança, não sendo abordados comentários sobre gravidez, modificações corporais com a gestação e a idade. A vinculação do ser fantástico e sublime encarnado na bailarina é transportada para todos os momentos da carreira de performance artística.

Quanto ao campo de atuação dos graduados em dança, encontramos nos questionários aplicados para a pesquisa respostas que indicavam mais de um campo de atuação profissional. Em 61 questionários coletamos 295 atuações, o que corresponde a aproximadamente 4 atuações distintas para cada profissional da dança, sendo que uma das principais atividades desempenhadas pelos diplomados em dança (como indicado no gráfico abaixo) é na docência em dança. Esta área vem seguida da de atuação artística (direção, coreografia) e em terceiro lugar, as atividades ligadas à performance artística do bailarino-intérprete de dança.



Fonte: Questionário aplicado aos diplomados em maio/junho de 2007

Dentro da área de maior atuação profissional, destacam-se 94 casos de atuação na área docente (em dança ou em outras áreas). Um melhor detalhamento para análise sobre as atuações docentes foram separadas em campos distintos, conforme indicado no gráfico abaixo:



Fonte: Questionário aplicado aos diplomados em maio/junho de 2007

Por este instrumento de coleta de dados ficou evidente que, dentre as atuações na área docente, a de maior representação corresponde à atuação em ambientes não formais, tais como academias, clubes e ONGs; e a de menor representação concentra-se no ensino público formal (não universitário), tais como escolas públicas de ensino

fundamental. Constatamos assim que de fato a dança ainda não se faz presente na educação básica, pelo menos, quando se trata de seu ensino pelas mãos de profissionais especializados, como vimos acima.

Vale ressaltar a importância de atuação nos cursos universitários, fato que pode ser compreendido pela necessidade de uma qualificação destes profissionais para a função (diploma de curso superior), aliada ao crescente aumento de cursos superiores de dança no Brasil, bem como a ampliação de áreas afins nas quais este profissional pode atuar, como demais licenciaturas em arte (teatro, artes visuais e música) além de outras áreas do conhecimento como educação física, pedagogia, psicologia, entre outros.

A modalidade licenciatura, opção de realização de 70 % dos alunos diplomados, correspondente ao campo de maior atuação profissional, a docência.

Talvez a docência exercida em ambientes formais de ensino, tanto melhor em setor público, seria um dos destinos mais compatíveis com a proposta de formação dos licenciados. O setor público da educação superior é que valida o diploma e o requer não apenas como comprovação burocrática, mas como passaporte de um saber diferenciado, alicerçado em conhecimentos teórico-práticos reflexivos e o inerente comprometimento com a pesquisa, distante da submissão às tendências do mercado competitivo, como presente no setor privado. Este segmento não dá valor ao diploma de curso superior e repete o ciclo de formação, pois a grande parte dos diplomados vem destes espaços não formais (como alunos ou mesmo já professores) e, após o curso, muitos regressam a eles.

Fato que merece ser destacado é a inserção lenta da disciplina de artes nos currículos de escolas formais, tais como designado pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases 9394/96) que estabelece como paradigma a presença das quatro linguagens artísticas, inclusive a dança, na educação formal básica (Strazzacappa e Morandi, 2006).

Os concursos e entradas do professorado qualificado para o ensino de dança na escola ainda apresentam-se incipientes e não correspondem ao atendimento dessa legislação. Caso a legislação seja cumprida como regra, o cenário de atuação destes profissionais no ambiente formal mudará drasticamente.

Pode o licenciado em dança ser professor de arte?

A dança no ensino regular: quem é o profissional responsável?

Na escola, a dança aparece nos conteúdos de duas áreas distintas: a Arte e a Ed. Física. É na disciplina de Arte que os licenciados em dança têm a maior possibilidade de atuação no ensino regular. Isso é decorrente das novas tendências curriculares e das novas propostas pedagógicas que indicam a necessidade de se recuperar os conhecimentos específicos de cada linguagem artística e reflexo da crítica à polivalência em arte. A obrigatoriedade do ensino de arte, pela Lei de Diretrizes e Bases 9694/96, amplia a inserção no mercado de trabalho e, o documento Arte dos Parâmetros Curriculares Nacionais, vem abrir novas perspectivas para a dança quando especifica conteúdos próprios para essa linguagem e ressalta a importância do aluno vivenciar e aprofundar seu conhecimento em diferentes formas artísticas.

Já temos profissionais atuando nas redes municipais de ensino e, recentemente, vários licenciados em dança foram efetivados, por meio de concurso, na rede estadual de ensino de São Paulo. A carência de profissionais no campo da arte ainda é grande e sempre sobram vagas para as atribuições de aulas no ensino público. A ampliação da carga horária, nas redes estaduais (Escola em Tempo Integral) e municipais de ensino, abrem ainda mais as possibilidades de inserção neste mercado de trabalho. As escolas particulares também têm demonstrado interesse nos profissionais da dança, com maior flexibilidade contratam diferentes profissionais para a atuação no campo da arte, dividindo a carga horária das séries entre os professores. Desta forma os alunos passam a ter aulas específicas de dança, música, teatro e artes visuais, dentro da grade curricular.

A atuação destes profissionais no campo da arte pode contribuir para o aumento das reflexões em torno do corpo e da própria da dança no contexto escolar, possibilitando a mudança de paradigma da arte vinculado às artes visuais e da dança como sinônimo de festividade na escola. Mas para isso, torna-se importante a mudança na postura de outros profissionais que também atuam com o conteúdo de dança.

Nas escolas os responsáveis pelo conteúdo de dança são os profissionais de educação física, de arte e professores de 1ª a 4ª séries (1º ao 5ºano). Muitos deles não sabem o porquê, o quê e como ensinar dança. Isso decorre principalmente de aspectos ligados à formação destes profissionais que não proporcionou subsídios necessários para uma compreensão mais ampla da dança. No caso dos professores das séries iniciais, eles ainda apresentam dificuldades em relação ao campo geral da arte e da educação física. Desta forma surge uma questão que é polêmica nas escolas e que se refere à necessidade, para as séries iniciais, do professor especialista.

O professor especialista é o profissional formado em apenas uma das áreas de

conhecimento tratadas pela escola e que trabalha especificamente com ela. Como exemplo estariam os professores de arte e educação física, dentre outros. Diversamente, o professor polivalente*³, seria responsável simultaneamente por diferentes áreas de conhecimento: língua portuguesa, ciências, história, geografia, matemática, arte e educação física. A polivalência facilita a possibilidade de interdisciplinaridade, hoje tão fortemente presente na educação. Por interdisciplinaridade compreende-se a idéia de integração ou inter-relacionamento do conhecimento. A proposta de integração de diferentes áreas pelo mesmo professor seria importante no sentido de não compartimentar os saberes, ou seja, propiciar uma visão mais ampla do conhecimento.

Assim a arte e a educação física, disciplinas tão importantes quanto às outras, não deveriam ficar à parte desse processo. Mas por que será que muitos professores das primeiras séries do ensino fundamental têm dificuldades e não se sentem aptos para tratarem com essas áreas de conhecimento?

Essas áreas estiveram por muito tempo apartadas na escola do “universo do saber”. Eram consideradas meras atividades que auxiliavam na aprendizagem de outras disciplinas ou serviam para descansar e relaxar das atividades denominadas “intelectuais”. Assim, foi diante deste quadro que muitos profissionais, que atuam hoje nas escolas, experienciaram o ensino de arte e educação física, durante sua formação escolar. Já no ensino superior o quadro não se apresenta diferente, os cursos de Pedagogia nem sempre possuem uma abordagem significativa destas áreas na grade curricular.

Marques (1999) nos aponta uma alerta de Mariazinha Fusari:

É difícil alguns estudiosos e gestores de cursos de Pedagogia compreenderem que os alunos de Educação Básica precisam que seus educadores atuem com melhor formação também nestas áreas da cultura humana: arte, educação física, cultura do movimento corporal. Continua de pé a luta para que os pedagogos/alunos tenham acesso à compreensão do ensino e aprendizagem também nessas áreas.

A procura por cursos de capacitação na área também são reflexos do interesse por partes dos professores em exercício que buscam maiores subsídios para tratarem com a questão do corpo e do movimento. Sabemos que as concepções e práticas

³ Podemos encontrar a denominação de professor polivalente tanto para o ensino regular de 1ª a 4ª séries, responsável pelas diversas disciplinas curriculares, quanto o polivalente em arte, denominação do profissional que atua nas diferentes linguagens artísticas.

pedagógicas dos professores passam pelas experiências e apropriação do conhecimento pelo qual tiveram acesso. Sem esse acesso a manutenção de modelos de ensino que privilegiam corpos sentados, obedientes, dóceis (Foucaut,1987) acaba por prevalecer. Muitos procuram esses cursos atrás de propostas prontas, “receitas”, para serem imediatamente aplicadas. Sem a apropriação devida dos conceitos, processos e objetivos, aplicadas mecanicamente, muitas propostas ficam sem sentido para o aluno e mesmo para o professor. Assim esses cursos têm que primeiramente desconstruir algumas visões sobre corpo, arte e dança presentes no imaginário dos professores incluindo em seus conteúdos um embasamento teórico.

Strazzacappa (2001) também enfatiza a necessidade dos cursos de formação pensarem com seriedade no oferecimento de disciplinas de cunho artístico corporal:

Desenvolver trabalhos corporais na formação dos futuros professores poderia despertá-los para as questões do corpo na escola, instrumentalizando-os e sensibilizando-os para a dança, além de possibilitar a descoberta e a desenvoltura de seus próprios corpos, lembrando que, independentemente das disciplinas que lecionam ou irão lecionar (português, matemática, ciências etc.) seus corpos também educam (p.75).

O curso de Pedagogia da Unicamp desde 2000 implementou a disciplina *Educação, Corpo e Arte*, que tem a seguinte ementa: “Esta disciplina, de caráter teórico-prático, visa introduzir os (as) alunos (as) às diferentes linguagens corporais e/ou artísticas em suas relações com o processo educacional”. Outros cursos já seguem a mesma tendência e começam a implementar mudanças na sua grade curricular (como os cursos de Pedagogia das Faculdades Network, Metrocamp, UFRN, entre outras). Isso já demonstra uma preocupação com estas áreas, tentando reduzir a lacuna existente na formação dos educadores.

Mas ainda nem tudo são flores neste cenário, quando as instituições abrem perspectivas para mudanças alguns alunos, muitos já “professores em exercício”, ainda apresentam resistência às atividades práticas. Por que os alunos não se negam a fazer um exercício de língua portuguesa ou matemática, mas se sentem no direito de não participar de um exercício corporal ou de não tirarem os sapatos? O cansaço e as dores pelo corpo são justificativas frequentes, mas permanecerem sentados em carteiras desconfortáveis, durante horas, parece não incomodá-los. São esses corpos: dóceis, obedientes e acomodados, os que mais necessitam de mudanças. Assim a tarefa ainda é

extensa e árdua, pois envolve a conquista e o aperfeiçoamento, não apenas das experiências pessoais, mas das elaborações e reflexões sobre o ensino e a aprendizagem desses alunos.

No sentido oposto surgem alguns reflexos positivos da disciplina, entre eles está o crescente número de Trabalhos de Conclusão de Curso referentes ao tema: Arte e Corpo. Eis um indício de que as áreas despertaram inquietações e fomentaram o interesse em aprofundamentos por parte dos futuros pedagogos.

Neste mesmo sentido se apresentam nossas reflexões. Despertar maior interesse por parte dos educadores no trato do corpo e da dança, da arte do movimento, desta linguagem artística e ampliar o reconhecimento e as possibilidades de inserção dos licenciados em dança no contexto escolar, pois estes possuem formação específica para poder dar conta com propriedade da fruição de uma das linguagens artísticas. E se, como afirma o artigo XXVII da Declaração dos Direitos Humanos (1948), “toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios” (grifos nossos), a escola se apresenta como um espaço privilegiado para essa conquista, afinal, não é o mero contato com a arte que permitira sua fruição. Fazem-se necessários o conhecimento e a apropriação das diferentes linguagem artísticas, dentre elas a dança, uma manifestação dos povos, um patrimônio cultural imaterial.

Bibliografia de referência

- AQUINO, Dulce. **Dança e universidade: Desafio à vista**. In Lições de Dança 3, Rio de Janeiro: Editora da UniverCidade, s/data.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Pedagogia**. Brasília, DF, 2005.
- CADERNO CEDES 53. **Dança e Educação**. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), 2001.
- FERREIRA, Sueli (org) **O ensino das Artes: construindo caminhos**, Campinas, Papirus, 2004 (3ª. Edição).
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- HANNA, Judith Lynne. **Dança, Sexo e Gênero. Signos de identidade, dominação, desafio e desejo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

- LABAN, Rudolf – **Dança Educativa Moderna**, ÍCONE, Porto Alegre, 1991.
- MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Ensino da dança hoje – textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MENGER, Pierre-Michel. **Retrato do artista enquanto trabalhador: Metamorfoses do capitalismo**. Portugal, Lisboa: Roma Editora, Coleção Evolução, 2005.
- RIZ, Kátiuska Scuciato. **Trabalho e Formação Profissional em Dança**. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas: Faculdade de Educação, 2004. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso),
- SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Cultura – PAC 25 - “*Diplomados em dança: Um diagnóstico sobre este profissional e seu campo de atuação.*” mimeo, 2007.
- SEGNINI, L., SOUZA, N. **Trabalho e Formação Profissional no Campo da Cultura: professores, músicos e bailarinos**. São Paulo: Projeto de pesquisa FAPESP, Universidade Estadual de Campinas, 2003-2007. mimeo.
- SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. **Trabalho e profissão em artes: Divisão internacional do trabalho e relações de gênero nas heterogêneas vivências do trabalho precário**. Colóquio Internacional "Novas Formas do Trabalho e do Desemprego: Brasil, Japão e França numa perspectiva comparada", 11 de setembro de 2006. mimeo.
- _____. **Criação rima com precarização: Análise do mercado de trabalho artístico no Brasil**. XIII Congresso Brasileiro de
- STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, Cedes, n 53, p. 69-83, 2001.
- STRAZZACAPPA, Marcia e MORANDI, Carla – **Entre a arte e a docência – a formação do artista da dança**, Campinas, Papirus, 2006.

Referências eletrônicas

- MOLINA, Alexandre José. **Dança e ensino superior no Brasil: uma geografia em tempos de instabilidade**. Site da Red Sudamericana de dança. Acesso em 03/07/2007.
- SUGIMOTO, Luiz. **O corpo como instrumento da alma**. Jornal da UNICAMP/ sala de imprensa – Edição 338 - 25 de setembro a 01 de outubro de 2006.